

in NICO, B. & COSTA, E. (2004). "A experiência da formação conjunta: um exemplo de gestão curricular no âmbito da formação de professores na Universidade de Évora". in *Infância e Educação – Investigação e Práticas*. nº 6 (Jan).

A EXPERIÊNCIA DA FORMAÇÃO CONJUNTA

Um exemplo de gestão curricular no âmbito da formação de professores na Universidade de Évora

José Bravo Nico e Eduardo Costa**

Introdução

Os Cursos de Complemento de Formação Científica e Pedagógica para Educadoras(es) de Infância e Professoras(es) do Primeiro Ciclo do Ensino Básico iniciados na Universidade de Évora, no ano lectivo 2000/2001, têm vindo a assumir-se como um importante momento de reflexão e de alguma inovação ao nível da organização e gestão curriculares.

No primeiro ano de funcionamento destes dois cursos foi implementada, nos programas e planeamentos didácticos de algumas das disciplinas constantes dos respectivos planos de estudo, uma gestão *curricular horizontal*, a qual consistiu na construção de momentos de aprendizagem concomitantes para educadoras(es) de infância e para professoras(es) do 1.º ciclo do ensino básico.

No segundo ano de funcionamento destes dois cursos, a par da continuação do modelo de gestão *curricular horizontal*, irá ocorrer um modelo de gestão *curricular vertical*, com o qual se tentarão criar ambientes de aprendizagem simultânea para os estudantes de ambos os cursos de complemento, bem como entre estes e os estudantes dos cursos de formação inicial equivalentes (Licenciaturas em Educação de Infância e em Ensino Básico – 1.º Ciclo), aproveitando o facto de alguns dos estudantes dos cursos de complemento serem, simultaneamente, docentes que cooperam na prática pedagógica da formação dos estudantes de formação inicial.

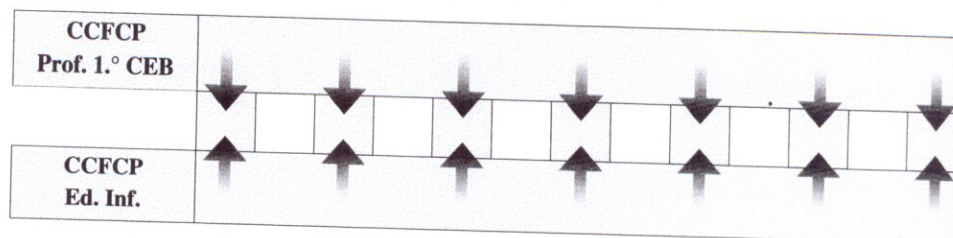
1. A gestão horizontal

Do plano de estudos do 1.º ano de ambos os cursos de complemento de formação, faziam parte disciplinas anuais como a Pedagogia, as Didácticas da Leitura e da Escrita, da Matemática e das Ciências do Meio Físico e Social e duas disciplinas semestrais – Temas Aprofundados de Psicologia do Desenvolvimento e Expressões não Verbais I.

No propósito de promover uma gestão curricular integrada no seio destes cursos, o Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora (DPE) optou por atribuir a leccionação das disciplinas dos referidos cursos a docentes em exercício de funções nesta instituição universitária.

* Universidade de Évora.

QUADRO 1 – Modelo de Gestão Curricular horizontal
Implementação dos módulos de Didáctica da Matemática e de Didáctica
das Ciências do Meio Físico e Social



Assim, e como se tratava de níveis de educação e ensino muito próximos, alguns docentes, sensíveis e conhecedores do trabalho realizado por estes grupos profissionais, propuseram-se promover uma formação, onde as aprendizagens e todos os trabalhos de partilha fossem realizados, no tempo e no espaço, em simultâneo pelas duas turmas, com a presença dos dois formadores, o que aconteceu efectivamente nas Didácticas da Matemática e das Ciências do Meio Físico e Social.

No caso particular da Didáctica da Matemática, os programas e planeamentos didácticos destas disciplinas foram elaborados em conjunto, pelos dois docentes responsáveis pela leccionação da mesma. Verificou-se, deste modo, um tronco comum em termos de objectivos, finalidades, metodologias, temas e conteúdos programáticos (referentes ao 1.º módulo/semestre) e processo avaliativo.

Não obstante as dificuldades inerentes ao arranque de um curso desta natureza, nomeadamente por se dirigir a docentes com uma já vasta e não menos rica experiência profissional, julgamos ter sido um trabalho extremamente proveitoso, para formadores e para formandos, a avaliar pelos testemunhos que os mesmos deixaram no final do 1.º semestre.

Por outro lado, sabíamos que a carga horária (3 horas por dia) e o calendário previsto (de 2.ª a 6.ª-feira, sem interrupção), factos a associar à distância que os formandos tinham que vencer desde as suas residências ou locais de trabalho (Pavia, Reguengos de Monsaraz, Torrão, Grândola ou Castro Verde) até à Universidade de Évora, seriam factores a considerar e, como tal, a serem atenuados, nomeadamente por uma concepção formativa diferente do classicismo, da cientificidade, do formalismo, ou dos padrões tradicionais e conservadores do ensino universitário.

Alguns aspectos positivos (o caso da Didáctica da Matemática)

Apresentaremos, em seguida, alguns elementos que permitem caracterizar o que foi feito no sentido de concretizar este modelo de *gestão curricular horizontal* numa disciplina concreta – a Didáctica da Matemática.

Considerando que os primeiros temas e unidades programáticas a abordar na Didáctica da Matemática (*Representações acerca da Matemática e Análise dos documentos oficiais de ME – Orientações Curriculares e Programa do 1.º Ciclo*) deveriam ser profundamente marcantes para a primeira abordagem à disciplina, provocando uma ruptura com os tradicionais procedimentos matemáticos, apresentámo-los de uma forma subtil, lúdica até, e envolvendo todos os participantes. A primeira estratégia não poderia ter corrido melhor, facto que podemos constatar das seguintes transcrições:

Os temas estão a ser cada vez mais interessantes... sugestivos e pertinentes... úteis e com aplicação na prática.

Os temas não podiam ser outros e, se os trabalharmos como até aqui, vou sair daqui muito mais rica em conhecimentos, destreza e amizades.

Também os mesmos eram propiciadores a um desempenho a realizar por um grupo indiferenciado, optámos por sugerir a constituição de grupos de trabalho obrigatoriamente formados por Educadoras(es) de Infância e Professoras(es) do 1.º Ciclo. Esta estratégia foi vista como:

As aulas conjuntas – Professoras/Educadoras parece-me ter sido uma boa opção, uma vez que contactamos com duas realidades o que constitui uma mais valia.

A troca de ideias... e a interacção... entre os dois grupos, o diálogo aberto tem proporcionado uma experiência agradável e enriquecedora... muito válida... positiva... e importante (para) a aproximação, conhecimento das práticas e troca de saberes entre Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo.

A metodologia foi a apropriada (...) tocando numa luta já bem antiga – deveria haver mais aproximação entre Jardim-de-Infância/Escola 1.º Ciclo... contribuiu para compreendermos melhor o seu trabalho e a sua organização, ajudando a superar algumas barreiras que se levantam entre os dois grupos.

A metodologia adoptada, nomeadamente a escolha dos grupos com educadores e professores foi importante, pois deu-nos uma visão mais global da matemática.

Sob uma metodologia activa, participativa e lúdica os conteúdos foram sendo trabalhados, sempre que possível através de jogos, análise de textos, ou resolução de situações problemáticas e ilustrados com base na partilha de experiências relatadas por todos os intervenientes, que opinaram:

Tem correspondido aos meus desejos, é prática e agradável.

A estratégia adoptada foi interessante e a metodologia bastante proveitosa.

Adorei a primeira e a segunda aula, foram aulas dinâmicas... pois correspondeu exactamente aquilo que eu esperava.

Esta disciplina foi um espaço de enriquecimento, foi dinâmico, foi divertido, foi interessante... onde as propostas de trabalho foram desafiadoras.

Criou-se um ambiente relacional muito positivo, houve espaço para participação de todos, a comunicação foi uma constante.

A forma como foram organizados os grupos foi boa porque permitiu partilhar ideias e reflectir sobre a nossa prática.

O trabalho realizado em grupo contribuiu para uma troca de experiências que muito contribuiu para uma melhor articulação entre educadores e professores.

Deste modo, parece ser evidente que o «estigma da Matemática» foi-se esbatendo. A este propósito, os formandos reconheceram que assim a Matemática:

Está a deixar de ser um papão.

A forma como foram apresentados e transmitidos os conhecimentos, quebrou o gelo existente entre mim e essa disciplina.

Agora entendo como é que ela pode ser aplicada ao dia-a-dia, na sala de Jardim-de-Infância.

A Matemática tem sido para mim uma surpresa “Boa”, cada aula que passa descubro que há tanto tempo que a trabalho mas de forma pouco rigorosa e não ligando muito, achando que a matemática era mais para os professores.

Tenho aprendido a gostar da Matemática.

Contudo, a intervenção dos formadores acontecia sempre que era necessário uma sistematização e fundamentação das práticas, numa vertente mais científica:

As situações práticas enriqueceram e justificaram as teóricas.

Sinto-me enriquecida com as metodologias viradas para a prática.

Foram importantes as aulas práticas, no sentido de nos enriquecer uns aos outros, com as experiências de cada um.

A teoria é precisa, já compreendi como resolver coisas novas e porque faço e que tudo que faço no Jardim-de-Infância tem a ver com a Matemática "Tudo tem a ver com tudo".

Coerente com esta abordagem pedagógica, o processo avaliativo foi acordado por todos e baseou-se na construção de um *dossier autoformativo*, composto por relatos de actividades de sala, fichas de aprendizagem, fichas de materiais e fichas bibliográficas, e ainda por um estudo autónomo, isto é, uma investigação substanciada por uma análise reflexiva sobre um aspecto particular da prática pedagógica, à luz de uma corrente psicopedagógica.

Sobre este processo, ainda que diferente do proposto por outros docentes, os formandos disseram:

Gosto da modalidade de avaliação.

No meu entender é muito positiva e facilitadora.

As fichas que prepararam para nós são de extrema utilidade para a estruturação das aulas, das ideias, dos conteúdos e da apresentação do trabalho.

O dossier avaliativo é uma boa forma de contextualizar e sistematizar os conhecimentos adquiridos.

Aspectos negativos

Não seríamos honestos connosco próprios e para com os colegas-formandos se disséssemos que tudo correu bem. Estávamos conscientes que juntar duas turmas com cinquenta elementos no seu total, numa sala de aulas, seria um pouco difícil, como tal optámos por realizar os trabalhos de grupos em espaços diversos e apenas nas sessões plenárias de apresentação, partilha de experiências ou sistematização de conteúdos, as turmas/grupos se reencontravam.

Algumas sugestões

O futuro dos Cursos de Complemento de Formação Científica e Pedagógica desenhou-se e continua a desenhar-se tomando em consideração as sugestões oriundas dos formandos, a saber:

Considero o grupo muito grande.

Esta metodologia foi positiva, embora um pouco barulhenta.

A carga horária é demasiada pesada, dado o trabalho e esforço que nos exige a nossa profissão.

São enriquecedoras as aulas em conjunto com as duas turmas, mas já suficientes.

Algumas das aulas considerei-as interessantes, mas também houve algumas demasiado expositivas.

Espero que, no semestre seguinte, haja uma abordagem diferente.

Espero que futuramente a disciplina seja mais adaptada à prática educativa.

A metodologia que associa teoria com prática, para mim, é a ideal.

O facto dos dois grupos terem elementos dos dois níveis de ensino tem sido muito enriquecedor. Será que não é possível continuar? Espero que sim.

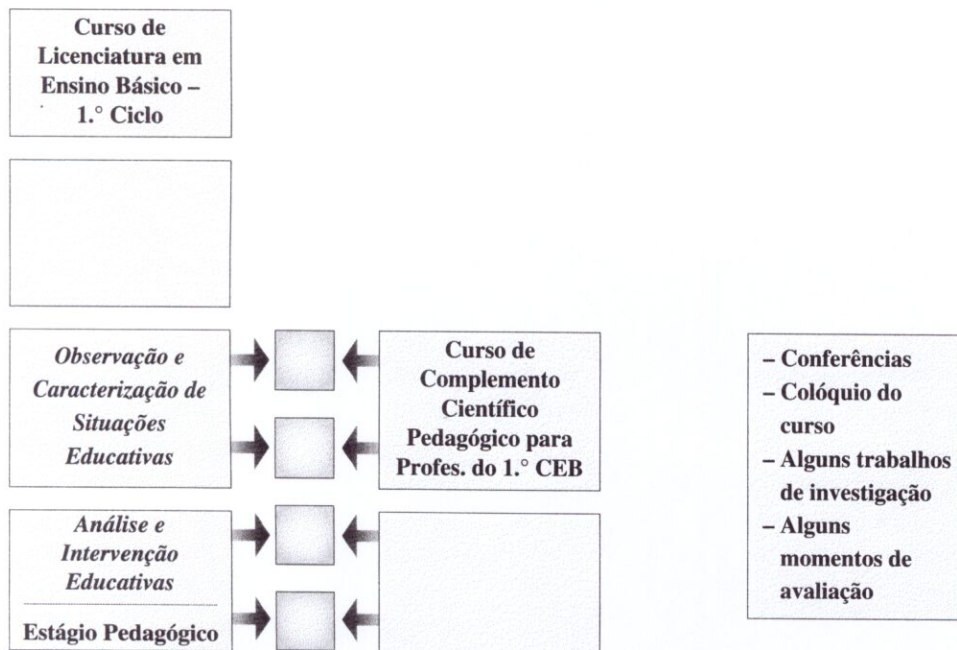
Acho muito bom continuarmos juntos! Todos é que sabemos tudo!

2. A gestão vertical

No sentido de concretizar o modelo de gestão vertical, atrás referido, foi decidido criar espaços e tempos de aprendizagem simultâneos para todos os estudantes dos cursos de formação inicial e de pós-graduação.

Estes ambientes de aprendizagem contemplarão, em primeiro lugar, actividades em que se poderá, de alguma forma, certificar, na interior da academia e na comunidade exterior os percursos de formação que se constroem no seio da formação de Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Educadores de Infância, disponibilizada pela Universidade de Évora.

QUADRO 2 – Modelo de gestão curricular vertical



No momento em que esta comunicação é apresentada encontra-se em fase de preparação o I Encontro Regional de Educação – Aprender no Alentejo, uma iniciativa que irá ser organizada por ambos os conjuntos de estudantes e que servirá como momento de avaliação e de certificação social para as aprendizagens a realizar em algumas das disciplinas presentes nos planos de estudos de ambas as formações.

Bibliografia

- NICO, J. B. (1998). "Currículo Universitário: da geometria cartesiana à relatividade einsteiniana", in J. Pacheco et al. (orgs.), *Reflexão e Inovação Curricular – Actas do III Colóquio sobre Questões Curriculares*. Braga: Universidade do Minho, pp. 167-175.
- PINEAU, G. (1988). "A auto-formação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação", in A. Nóvoa e M. Finger (orgs.), *O método (auto)biográfico*. Lisboa: Ministério da Saúde, pp. 63-77.